

O Livro de Urântia

<< [Documento 104](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 106](#) >>

Documento 105

A Deidade e a Realidade

105:0.1 (1152.1) MESMO para as ordens mais elevadas de inteligências do universo, a infinitude é compreensível apenas parcialmente, e a finalidade da realidade só é compreensível relativamente. Quando a mente humana procura penetrar o mistério eterno de origem e destino de tudo que é chamado de *real*, pode ser-lhe útil abordar a questão concebendo a eternidade-infinitude como uma elipse quase sem limite, que é gerada por uma causa absoluta e que funciona nesse círculo universal de diversificação infindável, buscando sempre algum potencial de destino absoluto e infinito.

105:0.2 (1152.2) Quando o intelecto mortal tenta captar o conceito da totalidade da realidade, essa mente finita fica frente a frente com a realidade da infinitude; a totalidade da realidade é a infinitude e, portanto, não pode nunca ser plenamente compreendida por qualquer mente que é subinfinita na sua capacidade de conceituação.

105:0.3 (1152.3) Dificilmente a mente humana consegue elaborar um conceito sobre a existência na eternidade que seja adequado e, sem

essa compreensão, é impossível descrever na íntegra os nossos conceitos da realidade. Contudo, podemos tentar fazer essa apresentação, se bem que estejamos plenamente cientes de que os nossos conceitos estarão sujeitos a uma profunda distorção no processo de traduzi-los, modificando-os para o nível de compreensão da mente mortal.

1. O Conceito Filosófico do EU SOU

105:1.1 (1152.4) A causação primeira absoluta na infinitude é atribuída, pelos filósofos do universo, ao Pai Universal atuando como o infinito, o eterno e absoluto EU SOU.

105:1.2 (1152.5) A apresentação, para o intelecto humano, dessa idéia de um EU SOU infinito traz em si muitos elementos de perigo, posto que esse conceito está tão distante do entendimento experiencial humano a ponto de envolver distorções sérias de significados e erros quanto aos valores. Contudo, o conceito filosófico do EU SOU proporciona aos seres finitos formar uma certa base para uma aproximação de entendimento parcial das origens absolutas e dos destinos infinitos. Todavia, em todas as nossas tentativas de elucidar a gênese e a fruição da realidade, que fique claro que esse conceito do EU SOU é, em todos os significados e valores relacionados à personalidade, sinônimo da Primeira Pessoa da Deidade, o Pai Universal de todas as personalidades. Todavia, esse postulado do EU

SOU não é muito claramente identificável nos domínios não-deificados da realidade universal.

105:1.3 (1152.6) *O EU SOU é o Infinito; o EU SOU é também a infinitude.* De um ponto de vista seqüencial no tempo, toda realidade tem a sua origem no infinito EU SOU, cuja existência solitária na eternidade passada infinita deve ser um postulado filosófico primeiro da criatura finita. O conceito do EU SOU denota *infinitude inqualificável*, a realidade indiferenciada de tudo o que poderia ser em toda uma eternidade infinita.

105:1.4 (1153.1) Como conceito existencial, o EU SOU não é nem deificado, nem não-deificado; nem factual, nem potencial; nem pessoal, nem impessoal; nem estático, nem dinâmico. Nenhuma qualificação pode ser aplicada ao Infinito, exceto afirmar que o EU SOU é. O postulado filosófico do EU SOU é um conceito no universo que é um pouco mais difícil de ser compreendido do que o Absoluto Inqualificável.

105:1.5 (1153.2) Para a mente finita, simplesmente deve haver um começo e, embora nunca tenha havido um começo real para a realidade, ainda há certas relações de fonte que a realidade mantém com a infinitude. A situação primordial de pré-realidade da eternidade pode ser pensada como algo assim: em algum momento infinitamente distante, hipotético, na eternidade passada, o EU SOU pode ser concebido como coisa tanto quanto como não-coisa, como causa tanto quanto como efeito, como volição e como resposta. Nesse momento hipotético na eternidade, não há diferenciação em toda a

infinitude. A infinitude é preenchida pelo Infinito; o Infinito abrange a infinitude. Esse é o momento estático hipotético da eternidade; os factuais estão ainda contidos dentro dos potenciais, e os potenciais ainda não apareceram dentro da infinitude do EU SOU. Mas, mesmo nessa situação de conjectura, devemos assumir que exista a possibilidade da vontade própria.

105:1.6 (1153.3) Lembrai-vos sempre de que a compreensão que os homens têm do Pai Universal é a de uma experiência pessoal. Deus, como o vosso Pai espiritual, é compreensível para vós e para todos os outros mortais; mas *o conceito que a vossa adoração experiencial tem do Pai Universal deve ser sempre menos que o vosso postulado filosófico da infinitude da Primeira Fonte e Centro, o EU SOU*. Quando falamos do Pai, queremos referir-nos a Deus como compreensível pelas suas criaturas, tanto as elevadas quanto as inferiores, mas há muito mais da Deidade que não é compreensível para as criaturas do universo. Deus, o vosso Pai e meu Pai, é aquele aspecto do Infinito que percebemos nas nossas personalidades como uma realidade factual experiencial, mas o EU SOU permanece para sempre como a nossa hipótese de tudo que sentimos ser incognoscível sobre a Primeira Fonte e Centro. E mesmo essa hipótese, provavelmente, fica longe da infinitude insondável da realidade original.

105:1.7 (1153.4) O universo dos universos, com as suas inumeráveis hostes de personalidades que o habitam, é um organismo vasto e complexo, mas, a Primeira Fonte e Centro é infinitamente mais

complexa do que os universos e as personalidades que se tornaram reais, em resposta aos mandados da Sua vontade. Ao admirardes a magnitude do universo-mestre, parai para considerar que, mesmo essa criação inconcebível, pode não ser nada mais do que uma revelação parcial do Infinito.

105:1.8 (1153.5) A infinitude, verdadeiramente, está muito longe do nível da experiência da compreensão dos mortais, mas, mesmo nesta idade em Urântia, os vossos conceitos de infinitude estão-se ampliando e continuarão a crescer durante as vossas carreiras sem fim, que se estenderão adiante pela eternidade futura. A infinitude inqualificável não tem sentido para a criatura finita, mas a infinitude é capaz de autolimitação e é susceptível de exprimir a realidade para todos os níveis de existências no universo. E o rosto que o Infinito apresenta a todas as personalidades do universo é a face de um Pai, o Pai Universal do amor.

2. O EU SOU Enquanto Trino e Enquanto Sétuplo

105:2.1 (1153.6) Considerando a gênese da realidade, tende sempre em mente que toda a realidade absoluta vem da eternidade, e que não tem começo de existência. Por realidade absoluta, entendemos as três pessoas existenciais da Deidade, a Ilha do Paraíso e os três Absolutos. Essas sete realidades são coordenadamente eternas, não

obstante hajamos recorrido à linguagem do tempo e do espaço para apresentar as suas origens seqüenciais aos seres humanos.

105:2.2 (1154.1) Ao proceder a uma descrição cronológica das origens da realidade, é preciso admitir um instante teórico, postulado como sendo a “primeira” expressão volicional e a “primeira” reação de repercussão dentro do EU SOU. Nas nossas tentativas de descrever a gênese e a geração da realidade, esse estágio pode ser concebido como a autodiferenciação que o *Infinito Uno* faz da *Infinitude*. *Contudo*, a postulação dessa relação dual deve sempre ser expandida até uma concepção trina mediante o reconhecimento do contínuo eterno da *Infinitude*, o EU SOU.

105:2.3 (1154.2) Essa autometamorfose do EU SOU culmina na diferenciação múltipla da realidade deificada e da realidade não-deificada, da realidade potencial e da realidade factual e de algumas outras realidades que dificilmente podem ser classificadas assim. Essas diferenciações do EU SOU teórico e monista estão eternamente integradas por relações simultâneas que surgem dentro do mesmo EU SOU — a pré-realidade monoteísta pré-potencial, pré-factual e pré-pessoal que, embora infinita, é revelada como absoluta na presença da Primeira Fonte e Centro e como personalidade no amor ilimitado do Pai Universal.

105:2.4 (1154.3) Mediante essas metamorfoses internas, o EU SOU passa a estabelecer a base para uma auto-relação sétupla. O conceito filosófico (no tempo) do EU SOU solitário e o conceito transitório (temporal) do EU SOU, como trino, podem ser, agora, ampliados para abranger o EU SOU como sétuplo. Essa natureza sétupla — ou

de sete fases — pode ser mais bem apresentada em relação aos Sete Absolutos da Infinitude:

105:2.5 (1154.4) 1. *O Pai Universal*. EU SOU pai do Filho Eterno. Esta é a relação primordial de personalidade das factualidades. A personalidade absoluta do Filho torna absoluto o fato da paternidade de Deus e estabelece a filiação potencial de todas as personalidades. Essa relação estabelece a personalidade do Infinito e consuma a Sua revelação espiritual na personalidade do Filho Original. Essa fase do EU SOU é parcialmente experienciável em níveis espirituais, até mesmo pelos mortais que, enquanto ainda estão na carne, podem adorar o nosso Pai.

105:2.6 (1154.5) 2. *O Controlador Universal*. EU SOU a causa do Paraíso eterno. Esta é a relação impessoal primordial das factualidades, a associação não-espiritual original. O Pai Universal é Deus, enquanto é amor; o Controlador Universal é Deus, enquanto arquétipo. Essa relação estabelece o potencial da forma — a configuração — e determina o modelo mestre do relacionamento impessoal e não-espiritual — o modelo mestre do qual todas as cópias são feitas.

105:2.7 (1154.6) 3. *O Criador Universal*. EU SOU um com o Filho Eterno. Esta união do Pai e do Filho (na presença do Paraíso) inicia o ciclo criativo, que é consumado no aparecimento da personalidade conjunta e do universo eterno. Do ponto de vista finito do mortal, a

realidade tem o seu verdadeiro começo com o aparecimento eterno da criação de Havona. Esse ato criativo da Deidade é feito pelo Deus da Ação e por intermédio dele, que é, em essência, a unidade do Pai-Filho manifestada nos níveis, e para todos os níveis, do factual. E, por isso, a divina criatividade é infalivelmente caracterizada pela unidade e essa unidade é o reflexo exterior da unicidade absoluta da dualidade de Pai e Filho e da Trindade do Pai-Filho-Espírito.

105:2.8 (1155.1) 4. *O Sustentador Infinito*. EU SOU auto-associável. Esta é a associação primordial da estática e dos potenciais da realidade. Nessas relações, todos os fatores qualificáveis e inqualificáveis são compensados. A noção que permite a melhor compreensão dessa fase do EU SOU é a do Absoluto Universal — o unificador da Deidade e dos Absolutos Inqualificáveis.

105:2.9 (1155.2) 5. *O Potencial Infinito*. EU SOU autoqualificável. Esta é a marca da infinitude que dá o testemunho eterno da autolimitação volitiva do EU SOU, em virtude da qual foi alcançada a auto-expressão, a auto-revelação tríplice. Essa fase do EU SOU é geralmente compreendida como o Absoluto da Deidade.

105:2.10 (1155.3) 6. *A Capacidade Infinita*. EU SOU estático-reativo. Esta é a matriz sem fim, a possibilidade de toda a expansão cósmica futura. A melhor maneira de conceber essa fase do EU SOU talvez

seja a noção da presença da supergravidade do Absoluto Inqualificável.

105:2.11 (1155.4) 7. *O Uno Universal da Infinitude*. EU SOU enquanto EU SOU. Esta é a estase, ou a relação da Infinitude com ela própria, o fato eterno da realidade da infinitude e da verdade universal, que é a infinitude da realidade. Já que essa relação é discernível, como personalidade, ela é revelada aos universos na figura do Pai divino de toda personalidade e mesmo da personalidade absoluta. Até onde essa relação for exprimível impessoalmente, o universo toma contato com ela como coerência absoluta da energia pura e do espírito puro na presença do Pai Universal. Já que essa relação é concebível como um absoluto, ela é revelada na primazia da Primeira Fonte e Centro; Nela, todos nós vivemos, nos movemos e temos os nossos seres, desde as criaturas do espaço aos cidadãos do Paraíso; e isso é verdadeiro tanto para o universo-mestre quanto para o ultímaton infinitesimal, e é tão verdadeiro sobre o que será e sobre o que é, tanto quanto sobre o que foi.

3. Os Sete Absolutos da Infinitude

105:3.1 (1155.5) As sete relações primordiais, dentro do EU SOU, eternizam-se como Sete Absolutos da Infinitude. Embora, porém, possamos descrever as origens da realidade e a diferenciação da infinitude por uma narrativa seqüencial, de fato, todos sete

Absolutos são, inqualificável e coordenadamente, eternos. Pode ser necessário às mentes mortais conceber os seus começos, mas essa concepção deveria ser sempre dominada pela compreensão de que os sete Absolutos não tiveram nenhum começo; eles são eternos e têm sempre sido. Os sete Absolutos são a premissa da realidade. Eles têm sido descritos nestes documentos do modo seguinte:

105:3.2 (1155.6) 1. *A Primeira Fonte e Centro*. Primeira Pessoa da Deidade e arquétipo primordial da não-deidade, Deus, o Pai Universal, criador, controlador e sustentador; amor universal, espírito eterno e energia infinita; potencial de todos os potenciais e fonte de todos os factuais; estabilidade de toda a estática e dinamismo de toda mudança; fonte dos modelos e dos arquétipos e Pai das pessoas. Coletivamente, todos os sete Absolutos equivalem à infinitude, mas o Pai Universal é, Ele próprio, de fato infinito.

105:3.3 (1155.7) 2. *A Segunda Fonte e Centro*. Segunda Pessoa da Deidade, o Filho Eterno e Original; realidade da personalidade absoluta do EU SOU e base para a compreensão-revelação do “EU SOU personalidade”. Nenhuma personalidade pode esperar alcançar o Pai Universal, a não ser por intermédio do Seu Filho Eterno; nem a personalidade pode alcançar níveis espirituais de existência fora da ação e da ajuda desse modelo absoluto de todas as personalidades. Na Segunda Fonte e Centro, o espírito é inqualificável, enquanto a personalidade é absoluta.

105:3.4 (1156.1)

3. *A Fonte e Centro do Paraíso.* O segundo modelo da não-deidade, a Ilha Eterna do Paraíso; base para a compreensão-revelação do “EU SOU força” e fundação para o estabelecimento do controle da gravidade em todos os universos. Com relação a toda realidade factualizada, não-espiritual, impessoal e não-volicional, o Paraíso é o absoluto dos arquétipos. Do mesmo modo que a energia do espírito está relacionada ao Pai Universal, por intermédio da personalidade absoluta do Filho-Mãe, assim, toda a energia cósmica é mantida sob o controle gravitacional da Primeira Fonte e Centro, por intermédio do modelo absoluto da Ilha do Paraíso. O Paraíso não está no espaço; o espaço existe em relação ao Paraíso, e a cronicidade do movimento é determinada pela sua relação com o Paraíso. A Ilha Eterna está absolutamente em repouso; todas as outras energias organizadas e em organização estão em movimento eterno; em todo o espaço, apenas a presença do Absoluto Inqualificável está quieta, e o Inqualificável está coordenado com o Paraíso. O Paraíso existe no foco do espaço, o Inqualificável penetra-o, e toda existência relativa tem o seu princípio dentro desse domínio.

105:3.5 (1156.2)

4. *A Terceira Fonte e Centro.* Terceira Pessoa da Deidade, o Agente Conjunto, é o integrador infinito das energias cósmicas do Paraíso com as energias do espírito do Filho Eterno, o coordenador perfeito dos motivos da vontade e mecânica da força; unificador de toda realidade factual e em factualização. Mediante as ministrações dos seus múltiplos filhos, o Espírito Infinito revela a misericórdia do Filho Eterno, enquanto funciona, ao mesmo tempo,

como o manipulador infinito, tecendo para sempre o arquétipo do Paraíso nas energias do espaço. Esse mesmo Agente Conjunto, esse Deus da Ação, é a expressão perfeita dos planos e dos propósitos sem limite do Pai-Filho, pois funciona, ele próprio, como fonte da mente e outorgador do intelecto às criaturas de um vastíssimo cosmo.

105:3.6 (1156.3) 5. *O Absoluto de Deidade*. As possibilidades causais potencialmente pessoais de realidade universal, a totalidade de todo potencial de Deidade. O Absoluto de Deidade é o qualificador intencional das realidades inqualificáveis, das realidades absolutas e das realidades não-deidades. O Absoluto de Deidade é qualificador do absoluto e absolutizador do qualificado — o iniciador do destino.

105:3.7 (1156.4) 6. *O Absoluto Inqualificável*. Estático, reativo e passivo; é a infinitude cósmica não revelada do EU SOU; a totalidade da realidade não-deificada e a finalidade de todo potencial não pessoal. O espaço limita as funções do Inqualificável, mas a presença do Inqualificável é ilimitada, infinita. Há um conceito de periferia para o universo-mestre, mas a presença do Inqualificável é ilimitada; mesmo a eternidade não pode exaurir a quiescência ilimitada desse Absoluto não-deidade.

105:3.8 (1156.5) 7. *O Absoluto Universal*. Unificador do deificado e do não-deificado; correlator do absoluto e do relativo. O Absoluto

Universal (sendo estático, potencial e associativo) compensa a tensão entre o sempre-existente e o incompleto (ou inacabado).

105:3.9 (1156.6) Os Sete Absolutos de Infinitude constituem os começos da realidade. Como as mentes mortais considerá-la-iam, a Primeira Fonte e Centro pareceria ser antecedente a todos os absolutos. Contudo, tal postulado, ainda que ajude, é invalidado pela coexistência, na eternidade, do Filho, do Espírito, dos três Absolutos e da Ilha do Paraíso.

105:3.10 (1157.1) É uma *verdade* que os Absolutos sejam manifestações do EU SOU — Primeira Fonte e Centro; é um *fato* que esses Absolutos nunca tiveram um começo, e que são coordenados eternos com a Primeira Fonte e Centro. As relações dos absolutos na eternidade não podem sempre ser apresentadas sem envolver paradoxos na linguagem do tempo e nos arquétipos conceituais do espaço. Mas, apesar de qualquer confusão relativa à origem dos Sete Absolutos da Infinitude, não apenas é um fato, mas uma verdade que toda realidade baseia-se na existência deles, na eternidade, e nas suas relações de infinitude.

4. Unidade, Dualidade e Triunidade

105:4.1 (1157.2) Os filósofos do universo postulam a existência na eternidade do EU SOU, como força primordial de toda realidade. E, concomitantemente, eles postulam a auto-segmentação do EU SOU

nas auto-relações primárias — as sete fases da infinitude. E, simultaneamente com essa suposição, vem o terceiro postulado — o surgimento, na eternidade, dos Sete Absolutos da Infinitude e a eternização da associação de dualidade das sete fases do EU SOU, com esses sete Absolutos.

105:4.2 (1157.3) A auto-revelação do EU SOU, assim, procede do eu estático, por meio da segmentação dele próprio e do seu auto-relacionamento com as relações absolutas, os relacionamentos com os Absolutos autoderivados. A dualidade torna-se, assim, existente na associação eterna dos Sete Absolutos da Infinitude com a infinitude sétupla das fases auto-segmentadas do EU SOU auto-revelador. Essas relações duais, eternizando-se para os universos, como os sete Absolutos, eternizam os fundamentos básicos para toda a realidade do universo.

105:4.3 (1157.4) Foi afirmado, certa vez, que a unidade origina a dualidade, que a dualidade gera a triunidade e que a triunidade é o antepassado eterno de todas as coisas. Há, na verdade, três grandes classes de relações primordiais, e elas são:

105:4.4 (1157.5) 1. *Relações de unidade.* Relações existentes internamente no EU SOU, quando a unidade é concebida Dele, como autodiferenciações tríplexes e então sétuplas.

105:4.5 (1157.6) 2. *Relações de dualidade.* Relações existentes entre o EU SOU, como sétuplo, e os Sete Absolutos da Infinitude.

105:4.6 (1157.7) 3. *Relações de triunidade.* Estas são as associações funcionais dos Sete Absolutos da Infinitude.

105:4.7 (1157.8) As relações de triunidade surgem dos fundamentos da dualidade, por causa da inevitabilidade das interassociações dos Absolutos. Tais associações de triunidade eternizam o potencial de toda realidade; elas englobam tanto a realidade deificada quanto a não-deificada.

105:4.8 (1157.9) O EU SOU é infinitude inqualificável enquanto é *unidade*. As dualidades eternizam os *fundamentos* da realidade. As triunidades factualizam o entendimento da infinitude como *função* universal.

105:4.9 (1157.10) Os preexistenciais tornam-se existenciais nos sete Absolutos, e os existenciais tornam-se funcionais nas triunidades, a associação básica dos Absolutos. E, concomitantemente com a eternização das triunidades, o cenário do universo é estabelecido — os potenciais são existentes, e os factuais estão presentes — e a plenitude da eternidade testemunha a diversificação da energia cósmica, a difusão do espírito do Paraíso, e a dotação da mente junto com o outorgamento da personalidade, em virtude do qual todos esses derivados das Deidades e do Paraíso são unificados na experiência, no nível da criatura e, por outras técnicas, no nível das supracriaturas.

5. A Promulgação da Realidade Finita

105:5.1 (1158.1) Assim como a diversificação original do EU SOU deve ser atribuída à volição inerente e autocontida, do mesmo modo, a

promulgação da realidade finita deve ser imputada aos atos volicionais da Deidade do Paraíso e aos ajustes repercussionais das triunidades funcionais.

105:5.2 (1158.2) Antes da deificação do finito, deveria parecer que todas as diversificações da realidade aconteceram em níveis absolutos; mas o ato volicional promulgando a realidade finita conota uma qualificação de absolutez e implica o aparecimento das relatividades.

105:5.3 (1158.3) Se bem que apresentemos esta narrativa como uma seqüência, e retratemos o aparecimento histórico do finito como um derivativo direto do absoluto, dever-se-ia ter em mente que os transcendentais tanto precederam quanto sucederam a tudo que é finito. Os últimos transcendentais são, em relação ao finito, tanto a causa quanto a consumação.

105:5.4 (1158.4) A possibilidade finita é inerente ao Infinito, mas a transmutação da possibilidade em probabilidade e em inevitabilidade deve ser atribuída ao livre-arbítrio auto-existente da Primeira Fonte e Centro, ativando todas as associações de triunidade. Somente a infinitude da vontade do Pai poderia ter qualificado assim o nível absoluto da existência, como para dar existência a um último ou para criar um finito.

105:5.5 (1158.5) Com o surgimento da realidade relativa e qualificável, vem à existência um novo ciclo da realidade — o ciclo do crescimento — , um gesto majestoso de transbordamento, desde as alturas da infinitude até o domínio do finito, para sempre convergindo no

Paraíso e na Deidade, buscando sempre aqueles destinos elevados correspondentes de uma fonte infinita.

105:5.6 (1158.6) Essas transações inconcebíveis marcam o começo da história do universo, marcam a vinda à existência do tempo em si mesmo. Para uma criatura, o começo do finito é a gênese da realidade; vista pela mente da criatura, nenhuma facticidade anterior ao finito seria concebível. A recém-surgida realidade finita existe em duas fases originais:

105:5.7 (1158.7) 1. *Máximos primários*, a realidade supremamente perfeita, o tipo havonal de universo e de criatura.

105:5.8 (1158.8) 2. *Máximos secundários*, a realidade supremamente perfeccionada, a criatura e a criação do tipo superuniversal.

105:5.9 (1158.9) Essas, então, são as duas manifestações originais: a que é perfeita por constituição e aquela que é perfeccionada por intermédio de uma evolução. As duas são coordenadas nas relações de eternidade, mas, dentro dos limites do tempo, parecem diferentes. O fator tempo significa crescimento para aquela que cresce; os finitos secundários crescem; e, pois, aqueles que estão crescendo devem parecer incompletos no tempo. Mas essas diferenças, que são tão importantes deste lado de cá do Paraíso, são inexistentes na eternidade.

105:5.10 (1158.10) Falamos do perfeito e do perfeccionado como máximos primários e máximos secundários, mas há ainda um outro tipo: a trinitarização e as outras relações entre os primários e os secundários resultam no aparecimento dos *máximos terciários* — coisas,

significados e valores que não são nem perfeitos, nem perfeccionados, mas que ainda são coordenados aos seus fatores ancestrais.

6. As Repercussões da Realidade Finita

105:6.1 (1159.1) O conjunto das promulgações das existências finitas representa uma transferência dos potenciais para os factuais, dentro das associações absolutas da infinitude funcional. Entre as muitas repercussões da factualização criativa do finito, podem ser citadas:

105:6.2 (1159.2) 1. *A resposta da deidade*, o surgimento dos três níveis de supremacia experiencial: a factualidade da supremacia do espírito pessoal em Havona, o potencial de supremacia do poder pessoal no grande universo que virá a ser, e a capacidade de alguma função desconhecida de mente experiencial atuando em algum nível de supremacia no universo-mestre futuro.

105:6.3 (1159.3) 2. *A resposta do universo* envolveu uma ativação dos planos arquitetônicos para o nível espacial do superuniverso, e essa evolução está ainda em progresso, em todas as partes da organização física dos sete superuniversos.

105:6.4 (1159.4) 3. *A repercussão sobre as criaturas*. Esta repercussão da promulgação da realidade finita resultou na aparição de seres perfeitos da ordem dos habitantes eternos de Havona e dos seres

ascendentes evolucionários perfeccionados, vindos dos sete superuniversos. Mas, para alcançar a perfeição, por meio da experiência evolucionária (temporal-criativa), é necessário algo diferente da perfeição como ponto de partida. Assim, a imperfeição surge nas criações evolucionárias. E essa é a origem do mal potencial. As não-adaptações, a falta de harmonia e o conflito são inerentes ao crescimento evolucionário, abrangendo desde os universos físicos até as criaturas pessoais.

105:6.5 (1159.5) 4. *A resposta da divindade à imperfeição*, inerente ao lapso de tempo que a evolução leva, é revelada na presença de Deus, o Sétuplo, por meio de cujas atividades aquilo que se está perfeccionando é integrado tanto com o perfeito quanto com o perfeccionado. Esse lapso de tempo, ou demora, é inseparável da evolução, que é a criatividade no tempo. Por causa dele, bem como por outras razões, o poder Todo-Poderoso do Supremo é baseado nos êxitos da divindade de Deus, o Sétuplo. Essa demora no tempo torna possível a participação da criatura na criação divina, permitindo às personalidades criaturas tornarem-se parceiras, com a Deidade, na realização do desenvolvimento máximo. Até mesmo a mente material da criatura mortal, assim, torna-se sócia, com o Ajustador divino, na dualização da alma imortal. Deus, o Sétuplo, também provê técnicas de compensação para as limitações experienciais da perfeição inerente, assim como para compensar as limitações pré-ascensionais da imperfeição.

7. A Factualização dos Transcendentais

105:7.1 (1159.6) Os transcendentais são subinfinitos e subabsolutos, mas superfinitos e supercriados. Os transcendentais factualizam-se como um nível integrador, correlacionando os supervalores dos absolutos com os valores máximos dos finitos. Do ponto de vista da criatura, o que é transcendental pareceria haver-se factualizado por consequência do finito; do ponto de vista da eternidade, em antecipação do finito; e há aqueles que o têm considerado como um “pré-eco” do finito.

105:7.2 (1159.7) Aquilo que é transcendental não implica necessariamente a ausência de desenvolvimento, mas é superevolucionário no sentido finito; é não-experiencial, mas é uma supra-experiência, no sentido que as criaturas compreendem a experiência. A melhor ilustração desse paradoxo talvez seja o universo central de perfeição: dificilmente Havona é absoluta — apenas a Ilha do Paraíso é verdadeiramente absoluta no sentido “materializado”. Nem é uma criação finita evolucionária, como são os sete superuniversos. Havona é eterna, mas não é imutável, no sentido de ser um universo de não-crescimento. É habitada por criaturas (os nativos de Havona) que nunca foram factualmente criadas, pois são eternamente existentes. Havona, assim, ilustra algo que não é exatamente finito e tampouco ainda absoluto. Além disso, Havona atua como um amortecedor entre o Paraíso absoluto e as criações finitas, ilustrando, ainda mais, a função dos

transcendentais. Todavia, Havona ela própria não é um transcendental — é Havona.

105:7.3 (1160.1) Assim como o Supremo está associado com os finitos, o Último é identificado com os transcendentais. No entanto, embora comparemos assim o Supremo e o Último, eles diferem por algo mais do que o grau; a diferença é também uma questão de qualidade. O Último é algo mais do que um super-Supremo projetado no nível transcendental. O Último é tudo isso, mas é mais: o Último é uma factualização de novas realidades da Deidade, a qualificação de novas fases daquilo que até então era inqualificável.

105:7.4 (1160.2) Entre aquelas realidades que estão associadas ao nível transcendental, estão as seguintes:

- 105:7.5 (1160.3) 1. A presença do Último como Deidade.
- 105:7.6 (1160.4) 2. O conceito do universo-mestre.
- 105:7.7 (1160.5) 3. Os Arquitetos do Universo-Mestre.
- 105:7.8 (1160.6) 4. As duas ordens de organizadores da força do Paraíso.
- 105:7.9 (1160.7) 5. Algumas modificações na potência espacial.
- 105:7.10 (1160.8) 6. Alguns valores do espírito.
- 105:7.11 (1160.9) 7. Alguns significados da mente.
- 105:7.12 (1160.10) 8. As qualidades e as realidades absonitas.
- 105:7.13 (1160.11) 9. A onipotência, a onisciência e a onipresença.
- 105:7.14 (1160.12) 10. O espaço.

105:7.15 (1160.13) O universo em que existimos, agora, pode ser considerado como existindo em níveis finitos, transcendentais e

absolutos. E esse é o estágio cósmico no qual se representa o drama sem fim das realizações da personalidade e das metamorfoses da energia.

105:7.16 (1160.14) E todas essas múltiplas realidades são unificadas, *absolutamente*, por várias triunidades, *funcionalmente*, pelos Arquitetos do Universo-Mestre, *relativamente*, pelos Sete Espíritos Mestres, os coordenadores subsupremos da divindade de Deus, o Sétuplo.

105:7.17 (1160.15) Deus, o Sétuplo, representa a revelação da personalidade e da divindade do Pai Universal para as criaturas, não só de status máximo, mas também de status submáximo; mas há outras relações sétuplas da Primeira Fonte e Centro que não pertencem à manifestação do ministério espiritual divino do Deus que é espírito.

105:7.18 (1160.16) Na eternidade do passado, as forças dos Absolutos, os espíritos das Deidades e as personalidades dos Deuses mobilizaram-se para responder à vontade autônoma primordial da vontade existente por si própria. Na idade atual do universo, estamos todos testemunhando as repercussões estupendas do vasto panorama cósmico das manifestações subabsolutas dos potenciais ilimitados de todas essas realidades. E é totalmente possível que a diversificação continuada da realidade original da Primeira Fonte e Centro possa continuar a sua manifestação para frente e para fora, idade após idade, para sempre e sempre, até distâncias inconcebíveis da infinitude absoluta.

105:7.19 (1161.1) [Apresentado por um Melquisedeque de Nébadon.]